

O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 7 - Nº 24

OUT/DEZ - 97

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO



PÁG. 3

GETÚLIO e CALMON

Calmon Barreto ilustrou artisticamente a ideologia do estado getulista divulgada em um calendário do ano de 1940. No mesmo ano, Getúlio Vargas visitou a terra natal do artista.

PÁG. 4

QUEM FOI QUEM - SOBRE A ORIGEM DAS FAMÍLIAS -

A história pessoal de Adhemar Guimarães compõe o elo que une inúmeras famílias de Araxá. Sua ascendência poderá ser a de muitos leitores de "O Trem da História".

PÁG. 6

ENTRÉ A FÉ E O PODER

Um estudo sobre a história da Irmandade de São Francisco e São Sebastião traz revelações preciosas sobre o mais antigo e representativo monumento da arquitetura religiosa de Araxá.

PÁG. 9

ESCOLA ESTADUAL DR. EDUARDO MONTANDON

Há cinquenta anos, aconteceu em praça pública, a aula inaugural do segundo Grupo a ser criado em Araxá, o "Grupo Novo". Já na sede definitiva, o vendaval do dia 15 de fevereiro de 1958 deixou alunos e professores desabrigados. Conheça a história da instituição que, em 1997, completa meio século.

Calendário Vargas 1940 - Ilustrações de Calmon Barreto

FAZENDO HISTÓRIA

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Os católicos araxaenses receberam, no dia 06 de setembro, a imagem de Nossa Senhora, réplica da que está em Fátima, Portugal. Foi trazida pelo Prefeito Municipal, Ministro Olavo Drummond, como um presente à comunidade. A imagem esteve por algumas horas no pátio da Fundação Cultural Calmon Barreto.

CORAL

Na abertura do Festival Nacional de Danças do FESTISESI, no dia 17 de setembro, o Coral Heitor Villa-Lobos da Fundação Cultural Calmon Barreto abrilhantou o evento, apresentando o hino nacional sob a regência de Maria Teresa Romagnoli Rios.

TOCATA

A Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo, através do Grupo de Seresta "Música na Janela" e da Banda de Música "Padre Clóvis", participou da abertura e do encerramento da VI Tocata, realizada no dia 18 de setembro.

VIOLÃO E PIANO

No auditório da Escola de Música, em setembro, realizou-se um concurso de violão. Também um concurso de piano aconteceu em novembro. Ambos contaram com a participação de alunos e professores na busca de reciclagem e de aperfeiçoamento.

ESCOLA DE MÚSICA

No dia 10 de outubro, no auditório da CEMIG, foi realizada interessante programação com as crianças da Escola de Música. Apresentaram-se o Coral Infantil Dó-Mi-Sol, sob a regência de Silvia Maneira Zappulla e os alunos de flauta doce de Sabrina Portela Drummond Borges.

CURSO

O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA - ministrou, em Araxá, em duas etapas (outubro e novembro), o "Curso Sobre Bens Culturais Móveis". Esse curso contou com a participação de nove cidades da região do Triângulo e do Alto Paranaíba. Araxá foi escolhida como sede pelo trabalho que desenvolve, há anos, na área de preservação do seu patrimônio histórico.

"VARGAS 1940"

Uma exposição, inédita, intitulada "Calendário Vargas 1940" acontece no Museu Calmon Barreto desde o dia 20 de novembro. São 52 desenhos de Calmon retratando o presidente Getúlio Vargas e sua época. Essa exposição artística e didática permanecerá aberta à visitação até 31 de janeiro de 1998.

CANTO

Na mesma noite do dia 20 de novembro, na Escola de Música, Henrique Natal Vieira apresentou seus alunos do Curso de Canto. Seus ex-professores, Walter Ribeiro Cardoso e Hilda Lourenço, prestigiaram a audição com suas presenças e com um show de piano e canto e foram aplaudidos de pé.

CURSOS LIVRES

O Clube Araxá sediou a exposição dos trabalhos executados na Fundação Cultural Calmon Barreto, através dos cursos livres, no decorrer do ano de 1997. Os cursos (várias técnicas em pintura, bordados, desenhos, tecelagem e araiolo) são coordenados por Analice Guimarães Abdo e têm o intuito de proporcionar o aperfeiçoamento e a descoberta de novos talentos artísticos.

RECICLAGEM

Funcionárias da Fundação Cultural Calmon Barreto estiveram participando, em novembro, de cursos de reciclagem.

• Glaura Teixeira Nogueira Lima, responsável pelo Setor de Pesquisas e Publicações, participou de um Seminário Internacional de Pesquisa em Arquivos Pessoais realizado na Secretaria de Estado da Cultura, em São Paulo. O Seminário reuniu especialistas da Universidade de São Paulo - USP, Universidade Federal Fluminense - UFF e de outros países como Estados Unidos, Canadá, França e Portugal.

• Rosa Maria Spinoso Montandon, responsável pelo Setor de Patrimônio Histórico, participou, em Belo Horizonte, do curso "Museologia, Museus, Educação e Cidadania", ministrado pela museóloga Dra. Maria Célia T. Moura Santos na Superintendência de Museus de Minas Gerais.

• Elaine Denise Oliveira, responsável pelo Setor de Promoções Culturais e Eventos, frequentou o curso "Marketing para Instituições Culturais", ministrado pela psicóloga Leiza Pereira, profissional de ampla experiência, também na Superintendência de Museus de Minas Gerais.

ESQUECIMENTO

Na edição anterior omitimos, involuntariamente, da relação dos Monstros Sagrados, apontados pelo Correio de Araxá, o nome da **pianista Maria Ângela de Azevedo Bittar**, ex-diretora da Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo. *O Trem da História* registra, aqui, o seu pedido de desculpa.

Editorial

Que similaridade poderá haver entre Getúlio Vargas e Calmon Barreto? A "Exposição do Calendário Vargas - 1940" que ora analisamos, revela, historicamente, aspectos comuns entre a personalidade nacional que presidiu o país por quinze anos e depois por mais quatro e o artista araxaense. Da mesma forma, apresentamos, nessa edição, um estudo sobre os 50 anos da Escola Estadual "Dr. Eduardo Montandon" que traduz relações entre a história sócio-política e a história da educação em âmbito local.

Construído nos anos 20, o prédio da Fundação Cultural Calmon Barreto é uma reverência à memória da cidade. A função que a antiga estação ferroviária exerce, há mais de uma década, reforça a tendência atual da reciclagem do uso de edificações históricas e, nesse caso, a nova ocupação verificou-se com o resgate, a preservação e a divulgação do patrimônio cultural da comunidade. Mais uma vez, *O Trem da História* associa a estação à memória do seu povo.

ESTAÇÃO MEMÓRIA é o espaço agora destinado às curiosidades referentes aos temas centrais.

ENTRE A FÉ E O PODER é o primeiro resultado de uma pesquisa sobre as irmandades, iniciada em março desse ano, trazendo novas informações sobre a Igreja São Sebastião, o seu acervo e os cidadãos que a geriram no século anterior. A pesquisa proporcionou enfoques sobre a ORIGEM DAS FAMÍLIAS, adaptados, ainda, à personagem do QUEM FOI QUEM, evidência de que a nossa formação social deu-se a partir de um estreito vínculo entre famílias.

O TREM DA HISTÓRIA

EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

Lygia Cardoso Maneira
PRESIDENTE

SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES

Glaura Teixeira Nogueira Lima
Maria Cristina Vieira de Freitas
PESQUISA

Glaura Teixeira Nogueira Lima
TEXTO

Ariadne Céliá Ferreira
Patrícia Helena da Silva
COLABORAÇÃO

Elaine Denise de Oliveira
JORNALISTA RESPONSÁVEL - DRT/DF 2089/80

Antônia Verçosa
REVISÃO

Imagem Propaganda
LAY-OUT

Carta do Leitor

Londrina, 4 de novembro de 1997

Distinta Presidente da
Fundação Cultural Calmon Barreto,
Lygia Cardoso Maneira

Recebo regularmente, e leio com prazer "O TREM DA HISTÓRIA" Louvável, sob todos os aspectos, o empenho de recordar e guardar os fatos, as coisas e, sobretudo, as pessoas que foram molas mestras na fundação e manutenção de uma comunidade. E, se se trata de ARAXÁ, cresce nossa admiração e nosso agradecimento.

Se todas as cidades fizessem o que VOCÊS fazem! Usaríamos, com gosto e aproveitamento, as riquezas e as belezas dos antepassados. O que, hoje, era preciso acontecer. Parabéns ao "O Trem da História" e às suas valentes "Maquinistas".

Professor Eduardo Afonso

Porto Seguro, 19 de novembro de 1997

Amei, amei, amei... quando chegou em minhas mãos o exemplar nº 23 de "O Trem da História". Tudo que vem de Araxá, me faz lembrar das coisas e causas que vivi nessa terra maravilhosa e que espero, em breve, retornar. Parabéns principalmente pelo texto "O Fascínio das Águas - Fábrica de Cosméticos II", onde é citado o nome de um extraordinário homem, que foi DÁMASO DRUMMOND. Saudades da terra onde o sol nasce primeiro.

Silvana Alves - Guia de Turismo



FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO
PRAÇA ARTHUR BERNARDES, 10 - ARAXÁ - MG - CEP 38180-000
FONE (034) 662-1033 - RAMAIS 2260, 2262, 2263 - FAX (034) 662-1262

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ



GETÚLIO E CALMON

O nacionalismo foi uma característica marcante do governo Getúlio Vargas, a partir de 1930. Do Estado Novo, implantado em 1937, até sua deposição pelo Exército ao final de 1945, houve transformação na vida cultural do país, visando a despertar um maior interesse pela nação.

Getúlio voltou à presidência da República em 1951, após ser eleito pelo voto popular através do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nessa fase o seu governo tentou organizar a economia, adotando uma orientação nacionalista. Em agosto de 1954, sua cartatamento apontou novamente a questão. Nela, foram denunciados os grupos internacionais e os nacionais que tentavam obstruir as iniciativas de estatização da economia e a sua política trabalhista.

Em todo o período Vargas houve grande interesse diante da realidade brasileira e notou-se, sobretudo, a sua expressão através das artes. Getúlio, em seu "Diário" (publicado em 1995 pela historiadora e neta Celina Vargas do Amaral Peixoto), após anotar a sua rotina durante o carnaval de 1939, definiu a Quarta-Feira de Cinzas como o "repouso

após a loucura do Carnaval". Demonstração evidente de que a festa já envolvia as massas assim como o futebol, ambos amplamente estimulados pelo governo.

ARAXÁ

Nessas circunstâncias históricas, políticas e culturais foram iniciadas as obras de construção do Complexo Hidromineral do Barreiro por iniciativa do governo de Minas Gerais.

Enquanto Araxá aguardava a visita do presidente para abril de 1940, o artista plástico araxaense, Prof. Calmon Barreto, vivia no Rio de Janeiro, usufruía do reconhecimento da crítica especializada e dos muitos prêmios recebidos. Dentre eles a medalha de ouro, em escultura, no Salão Nacional de Belas Artes de 1939. Na mesma década, desenhou aproximadamente mil e quinhentas ilustrações para os principais jornais e revistas do Rio de Janeiro como "Revista da Semana", "O Malho", "O Cruzeiro", "Fon-Fon", "O Jornal", "Cena Muda" e "A vida Doméstica". Possivelmente, a repercussão desses desenhos, respaldada pelo curriculum-vitae de seu autor, levou o Governo Vargas a encomendar-lhe trabalhos que ilustrassem artisticamente a ideologia do estado getulista.



Getúlio Vargas em visita à terra de Calmon Barreto. Fazenda "São Matheuzinho". Da esquerda para a direita: Israel Pinheiro, Getúlio Vargas, Ananias Ferreira de Aguiar, (ajudante de ordens), José Ananias de Aguiar e José Adolpho de Aguiar 1941. Arquivo SPH/FCCB

É conhecido que Calmon possuía larga experiência como desenhista e gravador da Casa da Moeda onde alcançou a nomeação de gravador mestre. Produziu inúmeras moedas, no tempo do mil réis, com a efígie de personalidades nacionais. Dentre elas, a do Presidente Getúlio Vargas.

No Museu Calmon Barreto estão expostos alguns exemplares dessas moedas e um álbum inteiramente composto de desenhos originais na técnica do nanquim, todos executados pelo artista.

VIDA E OBRA

Este último, intitulado "Álbum do Menino do Brasil Novo", traz ilustrações alusivas à vida e à obra de Getúlio Vargas. Inúmeros fatos são mostrados desde o seu nascimento no dia 19/04/1883 até 1940, época em que se comemoravam os dez anos de sua ascensão ao poder, após a Revolução de 1930. Realizado nos primeiros anos da década de quarenta, por encomenda do D.I.P. - Departamento de Imprensa e Propaganda -, jamais foi publicado.

De sua autoria são, também, 52 desenhos produzidos para um calendário do ano de 1940, patrocinado pela empresa Turismo Ltda, do Rio de Janeiro. As ilustrações, de forte apelo nacionalista aliado à presença

do militarismo, foram seguidas de uma descrição factual das ações governamentais nos anos anteriores. No calendário, nos primeiros dias daquele ano, o Presidente assinou um texto de saudação aos brasileiros transmitindo-lhes os habituais votos de felicidade.

A análise dessas produções reafirma o seu estreito elo com o perfil do governo Vargas, mesmo que isto não se verifique em relação ao pensamento do artista que o araxaense conhece.

É interessante observar que o ano imediatamente anterior ao do calendário foi repleto de comemorações de sentido político-militar. Em 10 de novembro de 1939 comemorou-se o segundo aniversário do Estado Novo. O cinquentenário da República foi devidamente lembrado no dia 15, assim como o da Bandeira, quatro dias depois, a 19 de novembro, em meio a desfile de tropas, de colegiais e de operários. Conforme relatou em seu "Diário", a presença do Presidente foi constante em todo o programa "das festas novembrinas". (1)

MISSÃO OFICIAL

Curiosamente, se 1940 foi o ano "ilustrado" por Calmon, foi também aquele em que Getúlio Vargas veio em missão oficial à terra natal do artista. Aqui permaneceu por 15 dias, aproximadamente, em abril daquele ano. Durante esses dias estudou e despachou o expediente vindo do Rio, usufruiu das águas por meio de banhos, massagens e duchas, visitou cidades vizinhas, recebeu visitas vindas de outros locais do Estado e do Rio de Janeiro.

O dia 19 de abril, aniversário do Presidente, foi comemorado com uma visita à cachoeira de Pai Joaquim, no rio Araguari, em companhia do então Governador Benedito Valadares, do Secretário de Agricultura, Israel Pinheiro e de um ajudante de ordens. Nesse mesmo ano, "sob a coordenação do DIP, o aniversário de Getúlio Vargas foi considerado data nacional e solenizado com desfiles, manifestações públicas e programas de rádio". (2)

Ao final da estada na terra de Calmon, Getúlio partiu rumo a São Paulo, no dia 26 de abril de 1940.

Fonte:

- Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto
- Acervo do Museu Calmon Barreto
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996
- LACERDA, Aline Lopes de. "A Obra Getuliana" ou como as imagens comemoram o regime. *Estudos Históricos*, vol. 7 n. 14, 1994, p. 241-263
- (1) (2) VARGAS, Getúlio. 1883 - 1954. Getúlio Vargas. Diário/apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto, edição de Lacta Soares - Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1995

QUEM FOI QUEM

ADHEMAR GUIMARÃES

Não são apenas as funções tradicionalmente reconhecidas como nobres ou ilustres que fazem um cidadão eternizar-se na memória coletiva de uma comunidade. Essa concepção é a tendência atual seguida por uma das linhas de análise da história e "O Trem da História" procura, sempre, valorizá-la.

Adhemar Guimarães é um desses exemplos. Como muitos meninos nascidos na Araxá do início do século, conciliava as brincadeiras de infância com o serviço de entrega de quitandas que a mãe fazia para vender, na tentativa de aumentar a renda familiar. Ele nasceu em 02 de setembro de 1914. O pai, Avelino Custódio Guimarães era alfaiate e a mãe, Ana Porfírio Guimarães (Nicota), também trabalhava para os padres lavando roupas. Teve seis irmãos: Azália, Altino, Anésia, Aldovando, Anísia e Aloísio.

O seu primeiro emprego, propriamente dito, foi no armazém do tio, Calimério Guimarães. Buscava mercadorias que chegavam na Estação de Ferro Oeste de Minas.

Como funcionário da Liga Araxaense de Desportos - LAD,



*Adhemar Guimarães e Lélia Guimarães. Década de 60.
Acervo Família Adhemar Guimarães*

trabalhou na portaria do Estádio Fausto Alvim no tempo em que Najá e Ipiranga exaltavam o ânimo da torcida araxaense de futebol e o dele próprio, najasense fanático. Durante as partidas, deixava a recepção para percorrer todo o campo distribuindo panfletos esportivos. Passou a ser solicitado para levar comunicados à população nos finais de semana, nos feriados e, também, à noite.

O EMISSÁRIO

Tal qual a dos "emissários do rei", sua visita era aguardada com ansiedade. Trazia sempre notícias de casamento, de óbito, de cartas judiciais, de política e de futebol, é claro, na sua inseparável pasta. Católico

praticante e membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento, distribuía ao povo a programação das festas religiosas locais.

Por desempenhar o seu trabalho com simpatia e com demonstração de grande popularidade tornou-se conhecido, como poucos, do cotidiano da cidade. Aproveitava suas andanças diárias para rever os parentes. Foi casado com Izoleta Soares e teve uma filha, Márcia, que lhe deu netos e bisnetos.

Faleceu em 1984, no dia 9 de dezembro. Antes, porém, no período em que esteve doente, recebeu inúmeras visitas daqueles que sentiam a sua ausência nas ruas de Araxá, ou seja, do cidadão comum às autoridades.

SOBRE A ORIGEM DAS FAMÍLIAS

É curioso observar e válido registrar, que a história pessoal de Adhemar Guimarães compõe o estreito vínculo que une inúmeras famílias de Araxá. Sua ascendência remonta à imigração italiana, à família Guimarães, possivelmente de origem portuguesa, radicada na região sul de Minas Gerais, e também, às famílias locais, pioneiras, como Porfírio Álvares Machado, Ribeiro da Silva, Botelho e Afonso.

PIONEIRISMO

Dessas últimas famílias, Adhemar descende pela linha materna. Sua mãe, Ana, era filha do casal Evaristo Afonso da Silva e Maria Porfírio da Rocha e Silva, que teve mais sete filhos: Prozolina Porfírio Afonseca e Silva, Percília Porfírio Dumont, Antenor Afonso, Proserpina Porfírio Tito, Perciliana Porfírio, Maria Porfírio e Areovaldo Afonso. Nota-se que, como era usual, as filhas conservaram o sobrenome Porfírio, da mãe, enquanto os filhos assinavam Afonso, como o pai. A avó, Maria Porfírio da Rocha e Silva, foi uma dentre os onze filhos do Capitão José Porfírio Álvares Machado, filho, por sua vez, de Maria Porfírio Álvares Machado (Maricota) com Joaquim Ribeiro da Silva Botelho.

CAPUTO - GUIMARÃES

Quanto ao sobrenome Guimarães, ele o herdou do avô paterno, ou melhor, da avó paterna. José Caputo, italiano natural de Cozença, Província de Basilicata, chegou em Araxá por volta de 1895. Veio com a sua mulher Ambrosina Custódio Guimarães, tendo partido de São



Calimério Custódio Guimarães, o segundo filho de José Caputo e Ambrosina Guimarães. Acervo Paulo Guimarães.



Família Guimarães. Em pé, da esquerda para a direita: José, Maria Balbina, Avelino e Silvério. Sentadas: Alexandra, Ambrosina e Maria Teresa. 1959. Acervo Dionéia Guimarães Borges.

João Batista do Glória, Minas Gerais, terra natal de Ambrosina. Acompanhou-os nessa mudança, o italiano Felício Zampogna.

A princípio, o destino deles era Uberaba. Ao passarem por Araxá decidiram aqui permanecer estimulados pela primeira impressão do lugar e forçados pelo estágio avançado da gravidez de Ambrosina, à espera do filho mais velho, Avelino.

Para melhor assimilação à realidade local, especificamente ao idioma português, o italiano retirou o sobrenome Caputo, incorporou o da mulher e passou a chamar-se José Custódio Guimarães. O mesmo aconteceu ao seu amigo que se tornou Felício de Souza ao eliminar o sobrenome Zampogna.

José Custódio Guimarães (ex-Caputo), e sua mulher Ambrosina, tiveram oito filhos: Avelino Custódio Guimarães, Calimério Custódio Guimarães, Manoela Custódio Guimarães, Maria Balbina Guimarães Faria (a "Maria do Cláudio", em referência ao seu marido, Cláudio José de Faria), José Custódio Guimarães, Alexandra Guimarães Borges, Silvério Custódio Guimarães e Maria Teresa Guimarães Natal.

TRADIÇÃO COMERCIAL

O sustento da família era fruto da profissão de caldeireiro que José Custódio Guimarães aprendeu ainda na Itália. Com seus instrumentos de trabalho partia em direção às fazendas, com tropa de mulas, para confeccionar os utensílios de cobre ou de metal. Nessas viagens, tinha sempre a companhia do filho Calimério Guimarães que, desde então, começara a despertar para o ramo de negócios. Das fazendas que visitava com o pai trazia gêneros alimentícios para revender na cidade, de onde levava as bolas de sabão que sua mãe fazia, também, para vender. Desse pequeno comércio nasceu um aglomerado de negócios e casas comerciais que dinamizaram a nossa economia nos primeiros cinquenta anos deste século. Essa, no entanto, é uma outra história, objeto de estudo para futuras pesquisas e publicações.

Fonte:

- Arquivos SPH/FCCB
- Acervo Família Guimarães
- Depoimentos: Izoleta Soares Guimarães, Margarida Natal Santos, Paulo Guimarães e Olga Dumont Reis.

ENTRE A FÉ E O PODER

A IRMANDADE DE SÃO FRANCISCO E SÃO SEBASTIÃO

Minas Gerais, antes de ser estado, foi província. Já tinha sido capitania autônoma desde 1720. Como tal, passou por um processo de urbanização nos locais das minas de ouro e de diamantes. Aqui, vivia-se o equivalente a 20% da população negra de toda colônia. Mais da metade dos habitantes era formada por negros e o restante, por brancos e mulatos.

A sociedade mineira ofereceu oportunidades e perspectivas de ascensão aos profissionais liberais, comerciantes, artesãos, religiosos e muitos aventureiros. Até então esses privilégios eram concedidos pela sociedade colonial apenas aos senhores, em detrimento dos escravos.

Sobre os mineiros é que os portugueses exerceram maior controle ao instalarem, na colônia, a máquina administrativa para arrecadar impostos. Fizeram, ainda, inúmeras restrições como proibir a entrada no Brasil de carmelitas, franciscanos, beneditinos, jesuítas e demais ordens religiosas. O Governo Imperial tinha interesse em ver essas Ordens se extinguírem por falta de pessoas, para se apropriar dos bens das congregações religiosas, das quais era herdeiro legal.

ORDENS TERCEIRAS

Para substituírem as Ordens Primeiras (dos padres), as Ordens Segundas (das freiras) e o governo, no trabalho social por eles exercido, o Estado incentivou a criação das irmandades ou confrarias, as Ordens Terceiras. Eram associações leigas, de caráter corporativo, voluntário e foram formadas dentro da estrutura social já existente.

As irmandades concederam ao branco, ao negro e ao mulato a oportunidade de praticarem a religião. Cada um deles esteve ligado a sua própria irmandade que, de um modo geral, era organizada de acordo com a posição social, a cor ou o sexo.



Largo da Igreja São Sebastião. Arquivo SPH/FCCB.

Na região das minas, as irmandades alcançaram grande poder e algumas tomaram-se extremamente ricas. Foram proprietárias de patrimônio considerável, construíram igrejas, mantiveram hospitais, organizaram procissões luxuosas e atuaram como financiadoras da arte e dos artistas.

Se as procissões religiosas são tradições herdadas dos portugueses e espanhóis, com as irmandades à sua frente, constituíram-se no divertimento preferido da população.

No caso de Araxá, tudo leva a crer que religião e poder não estiveram necessariamente ligados à riqueza. A localização geográfica e as circunstâncias históricas de sua ocupação e formação como povoado, imprimiram às irmandades uma versão diferenciada daquelas existentes na região das minas, embora tivessem igual importância.

EM ARAXÁ

Um estudo sobre a Irmandade de São Francisco e São Sebastião e a de Nossa Senhora do Rosário, criadas em Araxá, no século XIX, vem sendo realizado nos últimos meses, contribuindo para esclarecer pontos fundamentais que envolvem a nossa história religiosa.

Inicialmente tem sido analisada a Irmandade de São Francisco e São Sebastião,

responsável pela construção e administração da Igreja São Sebastião, do cemitério ao fundo e da Casa de Caridade, criada com vistas à internação de enfermos.

No Arquivo Público Mineiro foi localizado um documento em que o Presidente da Câmara Municipal de Araxá, Antônio Manoel da Apresentação, atendendo pedido da Província de Minas Gerais, enviou, em 1862, ofício e cópias dos compromissos das duas Ordens aqui existentes. Na verdade, "Compromisso" era o docu-

mento legal que estabelecia as normas de funcionamento dessas associações desde a data de sua criação. (1)

Por meio dessa documentação e de outra, referente aos livros de atas da irmandade, foi constatado que as suas normas, elaboradas em forma de "Compromisso", datam de 30 de setembro de 1831. E, constatou-se ainda que, em 1820 a Igreja já construída, estava, até então, anexada à Vila de São Bento do Tamanduá, hoje Itapeçerica.

Como observou-se no "Compromisso", a Ordem era regida por uma complexa estrutura de organização. Determinavam-se as suas funções religiosas, administrativas e financeiras, as suas festividades e a sua constituição em si, muitas vezes, conforme indica, inspirada nas Bulas da Santa Sé Católica.

A IRMANDADE

Havia regras estabelecidas para que uma pessoa pertencesse à Ordem, embora não se fizesse, nesse caso, distinção de sexo. O ingresso do indivíduo era permitido após ser votada a petição e o critério para autorizá-lo dependia do "mérito" do pretendente. Para merecer essa distinção era necessária a condição financeira de poder efetuar o pagamento das anuidades e das mesadas

Há 24 anos passamos a fazer parte da história de Araxá.

COPASA MG

Trazendo soluções



Capela-mor e Arco do Cruzeiro
Igreja São Sebastião Arquivo SPH/FCCB.

correspondentes a cada cargo ocupado. Se o pretendente fosse recusado, os Irmãos deviam guardar sigilo sobre a causa daquela decisão e "... uma vela acesa se queimará tal petição". Não eram admitidas pessoas que não tivessem pais ou tutores para pagarem as "esmolos cargos" e nem os escravos, pelo mesmo motivo. Os idosos eram admitidos com restrições já que aos Irmãos eram concedidos privilégios para seu sepultamento no cemitério e no interior do templo.

A Irmandade constituiu-se de uma estrutura hierárquica formada por vários cargos: comissário (ocupado por um padre), ministro e vice, síndico, procurador geral, definidores (em número de 12), vigário do culto divino e vice, sacristãos (6), zeladores (8), vigária do culto divino e vice, sacristãs (6) e zeladoras (8).

OS ELEITOS

Com a presença de todos os Irmãos, procedia-se à eleição para os cargos. A cada um correspondiam direitos e obrigações definidas. A posse dos eleitos ocorria em meio a uma cerimônia em que o vigário (como comissário) os levava em duas alas, à capela-mor, onde faziam o juramento.

Seria pertinente, ainda, a análise de muitos outros aspectos da constituição, do poder e da atuação dessa irmandade. À medida que avançarmos no seu estudo, esses aspectos serão retomados.

Os livros de atas, disponíveis para pesquisa,

referem-se ao período posterior a 1860, embora ela tenha sido criada bem antes. Vários temas das atas foram considerados relevantes nesse primeiro estudo que trata do período entre 1860 e 1882.

TORRE CÉLEBRE

Reunidos em 1860, os membros da irmandade demonstraram zelo com o patrimônio, embora dezoito anos já tivessem se passado desde a Revolução de 1842. Deliberaram que fosse retirada a torre da Igreja, o que vem confirmar, uma vez mais, a sua existência e a sua destruição parcial, na época da revolução, quando houve a morte de um soldado nela entrincheirado.

Os dias dedicados a São Francisco (04 de outubro) e a São Sebastião (20 de janeiro) deveriam ser comemorados, conforme o "Compromisso", com festa solene, quinquenas, novenas, missa cantada e procissão. Esta comemoração era antecedida por uma reunião para defini-la. Observou-se, nas atas, uma preocupação em simplificá-la sempre, mantendo-se apenas a "Ladainha" e a procissão pelo motivo de os cofres, quase sempre, não comportarem despesas.

Por ocasião das festas religiosas, a irmandade contava com donativos, promessas e esmolos oferecidos pelos devotos dos Santos. Tornou-se prática comum alguns Irmãos serem nomeados para arrecadar esmolos junto aos fiéis em todas as sextas-feiras do ano.

Houve momentos, como o que discutiu a Festa de São Francisco de 1861, em que se optou por realizar apenas a procissão pelo fato de a capela estar em obra.

IMAGINÁRIA

Em 1866, foi julgado conveniente pelos Irmãos, contratar um "pintor hábil para fazer a encarnação de certas imagens da capela e os reparos da mesma".

Três anos depois, providenciaram o término do "Altar dos Passos" e da colocação de uma cimalha no Altar das Dores, ambos pelo preço de 90 (noventa) mil réis. Para o serviço foram contratados o carpinteiro Bertolino Martins e o pintor Joaquim Eulário Vieira de Souza. A contratação do mesmo pintor foi verificada, novamente, em agosto de 1869, para pintar o altar-mor por 50 mil réis.

Em relação à imaginária, concluiu-se que, em 1831, a imagem do Senhor Morto e a de São Francisco já integravam o acervo da igreja bem como outras não identificadas, individualmente. Ao que parece, houve grande cuidado

com estas obras por serem elas, segundo alegaram, indispensáveis à reconstituição da Paixão de Cristo na Semana Santa. A autoria delas tem sido atribuída a Bento Antônio da Boa Morte. Infelizmente não foi possível, ainda, obter informações sobre isso.

Antes de 1880, não havia na capela ou até mesmo na cidade, uma imagem de Nossa Senhora d'Abadia. Naquele ano, foram tomadas as providências nesse sentido. E mais, foi resolvido "que se fizesse cômodo ao lado da epístola na Sacristia, para colocar imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos para o Altar do mesmo ficar para Nossa Sra. da Abadia".

Essa imagem, ao que parece, nunca integrou o acervo da Igreja São Sebastião. Se de fato foi encomendada, seria ela a mesma imagem que se encontra na Igreja Matriz de São Domingos, no local onde foi sepultado o Padre Emílio Philippini? De acordo com a tradição oral, aquela pertenceu à Igreja d'Abadia, demolida para dar lugar à atual. Tinha a Igreja São Sebastião doado a imagem à antiga Igreja d'Abadia?

Segundo os registros de 1878, foram doados 816 gramas de prata, por Francisco Damasceno Machado, para se confeccionar um turbulo.



Imagem de Nossa Senhora d'Abadia exposta na "sala do Padre Philippini" Acervo da Igreja Matriz de São Domingos

É provável que, ao chegarmos ao estudo dos livros de receitas e despesas da irmandade, após concluirmos os de atas, encontraremos referências sobre a utilização ou não da prata para este fim. De acordo com o inventário do acervo do Museu Sacro, por nós realizado em 1992, dele consta um turíbulo, não de prata, mas de latão niquelado, identificado como característico do século XX. Com certeza, não se trata do mesmo objeto litúrgico.

CASA DE CARIDADE

Algumas referências obtidas através de informações orais indicam-nos que a Casa de Caridade foi construída no local onde hoje se encontra a "Padaria Pão Nosso". Como se viu, ela já estava erguida em 1831. Com o tempo, porém, passou a ser habitada por algumas pessoas desviando-se da finalidade para a qual fora edificada. A partir de 1870, foi observada a adoção de medidas para restringirem o livre acesso àquela casa.

Em 1874, insistiu-se na proibição do uso indiscriminado da Casa de Caridade, permitido, a partir daquele momento, apenas aos doentes e após apresentação de requerimento.

Algum tempo depois, a irmandade decidiu contratar uma enfermeira, a Irmã Maria do Carmo, viúva de José Quirino dos Santos, para zelar e manter limpa a casa, com o direito de nela residir, recebendo 8 (oito) mil réis por mês.

É interessante notar a freqüência com que se registrava a necessidade ou a execução de reformas na igreja, no cemitério e na Casa de Caridade. Reforçava-se com insistência que fossem evitados maiores gastos, sinal evidente de que aqui, ao contrário das Ordens Terceiras da região das minas, o dinheiro era bem escasso.

Nesse mesmo período, notou-se, inclusive, a iniciativa de reformar o "Compromisso" em alguns pontos, especificamente, no que se refere às questões financeiras, como por exemplo, o preço cobrado pelas missas e pelo ingresso de fiéis à Irmandade.

Em 1876 foi autorizada a construção do adro de pedra (à frente e em torno da igreja), bem como a tarefa "de olear as grades e o teto da capela-mor". Essas grades, possivelmente, foram retiradas ao longo dos anos.

Durante os preparativos para os festejos da Semana Santa de 1878, deliberou-se "caiar a igreja por fora" e fazer a "escada de pedra no adro de um a outro lado" de modo que facilitasse a entrada do povo na procissão.

O CEMITÉRIO

Desde 1860, havia sido decidido que não mais seriam permitidos sepultamentos no interior da igreja, privilégio até então concedido a poucos. Mas, oito anos depois, o Padre Antônio Thomé da Silva Botelho, como adjunto do pároco, na vila, e vice-ministro da Irmandade, determinou que se abrissem exceções aos padres que

falecessem a partir daí. Foi então, enterrado no templo, o Padre Mariano José Vidigal Penna pelos seus "bons serviços prestados à Mesa". A Câmara Municipal de Araxá concedeu à Irmandade, em 1879, o direito de ampliar o espaço do cemitério em "12 braças" de terreno, o equivalente a aproximadamente 22 metros. As questões em torno dos sepultamentos no interior do templo foram, com o passar dos anos, passíveis de revisões. Antes autorizados somente aos Irmãos, em 1860 foram estendidos aos padres, e mais tarde, a outras pessoas.

Em 1878 foi concedido o mesmo sepultamento a Tereza Tomázia de Jesus, esposa de Marcelino Manoel Teixeira, sem ônus para os herdeiros conforme determinava o "Compromisso".

Outra concessão foi feita à "D. Joaquina do Monte Alto", em recompensa ao trabalho dedicado à igreja, em especial ao Altar das Dores. Nesse caso, os herdeiros também foram isentos do pagamento e a falecida usufruiu desse direito, também, por não dispor a Ordem, naquele momento, de um carneiro no cemitério.

ORIGENS FAMILIARES

Houve, em 1882, último ano do período ora analisado, eleição para os membros que comporiam a Mesa da Irmandade, comandando seus destinos durante os 12 meses seguintes. Evidentemente, era preciso preencher alguns pré-requisitos para exercer tais funções e dentre eles, o de ocupar uma posição privilegiada na sociedade.

A partir desse momento, começam a surgir nomes já conhecidos pelos leitores de "O Trem da História", pessoas que aqui viveram na transição do século XIX para o XX, ou então seus descendentes, muitos dos quais aqui permanecem ainda hoje. Naquele ano, foram eleitos aos cargos Antônio Jacinto Ribeiro Mendes, Francelino José Cardoso Júnior, Belarmino de Paula Machado, entre outros.

Entre 1860 e 1882 foram padres e vigários atuantes na Irmandade: Saturnino Dantas Barbosa, Mariano José Vidigal Penna, Cassiano Barbosa de Afonseca e Silva, Ananias Tobias de Aguiar, Joaquim Felix Rodrigues Fraga, Vicente Ferreira Estrella e Antônio Thomé da Silva Botelho.

Alguns dos religiosos daquela época possuíam ligações de parentesco com famílias locais, o mesmo acontecendo com outros Irmãos de São Francisco e São Sebastião. Assim, foi possível identificar a participação de elementos provenientes de famílias que deixaram a cidade em um passado remoto, como os Pereira de Cerqueira, Assunção, Fraga, Carrijo, Fagundes, Estrella, Garupa, Pacheco, Porto, Pereira Bom Jardim. Muitas outras famílias não saíram daqui. Desse último grupo podemos enumerar: Ávila, Aguiar, Baptista da Costa, Afonseca e Silva, Damasceno, Machado, Rezende, Coelho, Cardoso, Dutra, Pontes, Teixeira, Santos e Afonso de Almeida.



ESTAÇÃO MEMÓRIA

EX-PREFEITO
Prof. Joaquim Furtado de Menezes

Um dos primeiros trabalhos sobre as igrejas e as irmandades de Ouro Preto, concluído após uma pesquisa preliminar junto aos arquivos paroquiais daquela cidade, é de autoria do professor Joaquim Furtado de Menezes. Esse trabalho foi publicado originalmente com o título "A Religião em Ouro Preto" e, em 1911, fez parte das comemorações dos duzentos anos da antiga Vila Rica.

O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA - reeditou a obra, em 1975, por ocasião do centenário de nascimento de Joaquim Furtado de Menezes. Intitulada "Igrejas e Irmandades de Ouro Preto", a nova edição foi organizada pelo filho do autor, Professor Ivo Porto de Menezes que, num trabalho de complementação, procurou indicar as fontes documentais e incluir as citações dos textos originais.

Considerado por especialistas "pioneiro da pesquisa científica no domínio da história da arte no Brasil", Joaquim Furtado de Menezes foi historiador, professor, jornalista, farmacêutico e engenheiro. Ocupou cargos no Governo de Minas Gerais e fundou a Sociedade Mineira de Engenheiros da qual foi o primeiro presidente.

Embora tenha nascido no Rio de Janeiro, em Minas Gerais é que adquiriu a formação profissional e intelectual que contribuiu para que se tornasse, na sua época, um político de prestígio reconhecido. Exerceu a função de Deputado Federal em 1909, de Senador eleito por Minas Gerais em 1928, de Deputado Constituinte em 1933 e, um ano depois, novamente a de Deputado Federal.

No ano de 1924, ele foi o Prefeito de Araxá indicado pelo governo mineiro, assim como todos os nossos prefeitos dos períodos de 1915 a 1947 e de 1971 a 1985.

O seu retrato, assinado pelo artista Calmon Barreto, pode ser observado na galeria dos ex-prefeitos, exposta no prédio da Prefeitura.

FONTE: ARQUIVOS DO SPH/FCCB.

Fonte:

Atas da Irmandade de São Francisco e São Sebastião (1860-1882). Arquivos SPH/FCCB.

Arquivo Público Mineiro.

(1) Essa documentação foi reunida e, gentilmente cedida, pela arquiteta-professora da Universidade Federal de Uberlândia, Marília Maria Brasileiro Teixeira Valle. É resultado de pesquisa desenvolvida para sua tese de doutorado em História da Arquitetura na Universidade de São Paulo.

BOSCHI, Caio César. *Os Leigos no Poder (Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais)*. Editora Ática, São Paulo, 1986.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajatória Política do Brasil: 1500 - 1964*. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História de Minas*. INL, Brasília, 1980. Vol. II.

VERGUEIRO, Laura. *Opulência e Miséria das Minas Gerais*. Coleção tudo é História. Brasiliense, São Paulo, 1981.

ESCOLA ESTADUAL DR. EDUARDO MONTANDON



Antiga avenida Lavapés. Hoje Vereador João Senna. Ao alto o Bairro São Geraldo e parte da comunidade atendida pelo Grupo. 1950. Doação de Alonso José de Aguiar. Arquivo SPH FCCB.

O "GRUPO NOVO"

O segundo Grupo Escolar a ser criado em Araxá ficou conhecido como "Grupo Novo". Até a construção de sua sede definitiva, porém, ele funcionou em praça pública, em uma residência alugada para acomodá-lo e na Escola Estadual Delfim Moreira, o primeiro Grupo Escolar da cidade.

No dia 15 de fevereiro de 1947, há mais de cinquenta anos, aconteceu a aula inaugural do Grupo Escolar Dr. Eduardo Montandon, ministrada na praça Governador Valadares.

Naquele momento, embora a escola estivesse legalmente instituída, batizada com o nome do médico, político e educador araxaense e com a equipe de diretores, funcionários e professores já nomeada e empossada, não havia local para instalá-la.

Atribui-se essa situação nada convencional, às circunstâncias decorrentes do período pós-guerra e pós-ditadura Vargas. Os ânimos ainda exaltados e os interesses políticos diversos impediam as decisões que dotariam o Grupo de sua sede, ainda que não fosse a definitiva.

PRAÇA PÚBLICA

A decisão de transformar a praça pública em sala de aula partiu da diretora Maria Josephina Salomão cuja atitude visava à sensibilização das autoridades municipais e estaduais.

Com o propósito de instalar o Grupo sem que os 400 alunos matriculados fossem prejudicados naquele início de ano letivo, a idéia inicial, após a primeira aula da praça, era que cada uma das professoras regentes levasse a classe para sua própria casa. As diretoras,



Maria Josephina Salomão. A primeira diretora do segundo grupo a ser criado na cidade.

as professoras especializadas e as auxiliares exerceriam suas funções como "itinerantes" ou "andarilhas", conforme expressões utilizadas pela primeira diretora.

Os planos iniciais foram alterados pelo convite da então diretora do "Delfim Moreira", D. Aracy Pedrelina de Lima, para que o "Grupo Novo" ali se abrigasse no período da tarde. Durante alguns meses, as duas escolas funcionaram no mesmo prédio da Av. Getúlio Vargas até a autorização dada pelo Governador de Minas Gerais para alugar uma casa e proceder às adaptações necessárias ao funcionamento da nova instituição escolar.

A equipe inicial do "Dr. Eduardo Montandon" foi formada por Maria Josephina Salomão (diretora), Iracema Aguiar (auxiliar de diretoria), Alvina de Castro (zeladora), Olga Rocha Martins e Argemira Silva (serventes), Clory Cardoso, Maria Leonor Camarão e Maria

Rita de Aguiar (professoras de desenho, canto e ginástica, respectivamente) e mais doze normalistas regentes de classe: Inês Santos, Martha de Almeida, Francisca Martins de Oliveira, Delta de Melo, Ernestina Pereira Santos, Stela Maria de Lourdes Vasconcelos, Jacy Camarão, Maria Clélia Botelho e Terezinha Santos Corrêa (esta, logo depois foi eleita vereadora, fortalecida pelo apoio dos pais dos alunos).

SEDE PROVISÓRIA

No segundo semestre de 1947 aconteceu a transferência para a sede provisória (e improvisada) na velha casa do alto da Rua Mariano de Ávila. Já estava firmado o seu nome como "Grupo Novo" e a sua imagem como tal.

O casal Dr. José da Cunha e Delfina de Almeida Cunha (D. Finoca) foi o fundador da Can-

tina Santo Antônio. Oferecia a "abençoada sopa" e, por muitas vezes, vestiu os alunos com uniformes, agasalhos e forneceu o material escolar. Depois, foram seus continuadores no patrocínio da merenda escolar, pessoas como Luiza Santos de Almeida, Geraldo Pereira Marques, Maria Aparecida Aguiar e instituições como o Rotary Club e a Maçonaria.

Naquela época não se destinava verba específica à merenda escolar. Quando não havia pessoas ou entidades disponíveis a oferecê-la, as professoras eram obrigadas a promover festas beneficentes para garantirem a alimentação.

O "Tesouro da Juventude" era a enciclopédia literária almejada, porém, impossível de ser adquirida pelo alto custo que representava na época. José Cavallini fez doação dessa obra para enriquecer a biblioteca da escola.



Da esquerda para a direita, as professoras: Márcia de Almeida, Inês Santos, Marta de Almeida e Elza Carneiro de Paiva. 1947. Acervo Inês Santos.



Maria Clélia Botelho,
uma das primeiras professoras.

ouviu o lamento da irmã diretora e empenhou-se na conscientização dos partidos na Câmara Municipal no sentido de aprovarem o projeto de complementação da verba encaminhado pelo executivo, embora o Prefeito Domingos Santos contasse com o apoio da maioria dos vereadores.

Em 1957 as novas instalações abrigavam 20 classes e 800 alunos. O projeto arquitetônico foi oferecido pelo Estado, como de costume, e a obra foi executada pelo construtor Lázaro Barreto.



Olga Rocha Martins,
uma das primeiras serventes

DECISÃO AGUARDADA

Quase dez anos depois, o desconforto presenciado pelo Secretário de Estado da Educação, Dr. Levindo Lambert, durante visita ao Grupo, sensibilizou-o, levando-o à decisão de encaminhar verba no valor de Cr\$ 350.000,00 para construção do prédio próprio.

Durante aquela visita, os "cantores oficiais", alunos Luzia Silva e Hélio Silva, apresentaram-se ao Secretário como faziam em todas as atividades escolares. Inicialmente, o Grupo seria construído ao lado da Igreja São Sebastião, em terreno doado pela Prefeitura na administração José Adolpho de Aguiar. Mais tarde, no entanto, optou-se por outro, mais abaixo, também doado pelo município. O orçamento para construção ultrapassava a verba concedida em Cr\$ 120.000,00. Dr. Mário Cecílio Salomão, vereador,

TRÁGICO EPISÓDIO

Um episódio marcou de forma trágica a história do Grupo. Às 13h e 30 min do dia 15 de fevereiro de 1958, o céu de Araxá escureceu e uma forte tempestade com ventos, relâmpagos e trovoadas arremessou todo o telhado da escola que acabara de ser construída.

Como se poderia esperar, houve grande manifestação de solidariedade. Enquanto a diretora, em forma de oração, oferecia a própria vida pela dos alunos e professoras, os vizinhos levaram as crianças para suas casas protegendo-as do frio, da chuva e do susto. Muitos homens, heróis anônimos, chegavam sob as pesadas capas "Ideal" prestado socorro com seus carros, táxis, caminhões ou ônibus, assim como também o fizeram o Prefeito, o Delegado de

Polícia e muitos médicos.

O acidente, se não provocou vítimas fatais, causou transtorno para a administração escolar. Na visão de "D. Fifina Salomão" foi para ela, "o princípio do fim da carreira profissional e o vislumbre da aposentadoria". Novamente, o "Grupo Novo" esteve desabrigado. A solução de acolhê-lo no prédio do "Delfim Moreira", mais uma vez, foi adotada. É evidente que dificuldades surgiram no convívio entre duas instituições que funcionavam em um único prédio. A tentativa em conciliar espaços, funções, pessoas e mentalidades diferentes foi mais uma exigência a ser cumprida pelo corpo docente e discente do "Eduardo Montandon".

A diretora utilizava-se da Rádio Imbiara para esclarecer a população que o Grupo Escolar Dr. Eduardo Montandon não se subordinava ao Grupo Escolar



Terezinha Santos Corrêa, uma das primeiras professoras e a primeira vereadora de Araxá eleita em 1950.

Delfim Moreira. Atitude justificada por situações provocadas pelo tradicionalismo do segundo em relação ao primeiro quando apenas os dois dedicavam-se ao ensino primário gratuito.

A RECUPERAÇÃO

Depois do acidente, o prédio do Grupo foi reformado com o auxílio da administração municipal que, nos anos sessenta e depois, na década de setenta, ampliou suas instalações na tentativa de suprir a constante falta de espaço físico que sempre o acompanhou. Durante essas reformas o Estado alugou a Escola Técnica de Comércio para o prosseguimento das atividades.

Na memória das equipes de docentes de épocas diversas, muitos alunos se destacaram

quanto ao nível de aproveitamento. Inúmeras professoras dedicaram a sua carreira de magistério à alfabetização e à formação daqueles alunos que lhes foram confiados. Na impossibilidade de citá-las nominalmente, já que a presente pesquisa abrange meio século de ensino, registramos aquelas que estiveram na sua direção: Maria Josephina Salomão (1947-1959), Elza Carneiro de Paiva (1960-1987), Dalva Suzana Marques Teixeira (1987-1988), Aparecida Ferreira Frade (1988-1997), Valci Costa (1997), interinamente, e Maria Heloísa Ávila Ribeiro e Maneira Rodrigues, eleita em 1997. Desde 1988, o processo de escolha da direção acontece por meio eletivo.

No momento em que se comemora o cinquentenário, a Escola Estadual Dr. Eduardo Montandon que, em 1973, recebeu esta denominação eliminando o nome Grupo, empenha-se na busca do ensino de qualidade. Hoje, são 732 alunos distribuídos em 24 turmas do ensino fundamental do Ciclo Básico de Alfabetização à 4ª série, curso regular de suplência e uma sala para deficientes auditivos.

A análise interpretativa das transformações que acontecem ao longo da história torna-se mais compreensível quando já se passaram cinquenta, cem, ou mais anos. O estágio atual alcançado pela escola lhe

ESTAÇÃO MEMÓRIA

A VISITA DOS RUSSOS

Recém instalado, o Grupo recebeu a visita de alguns cientistas russos. Eram pesquisadores que se encontravam na cidade para acompanhar, a título de estudo, o aparecimento previsto como mais visível do eclipse total daquele ano de 1947.

A visita, embora valorizada pelo seu grau de importância, gerou um certo constrangimento e uma dúvida: poderia o Governo do Estado ressentir-se daquela aproximação com socialistas e, por isso, não atender às reivindicações prementes da Escola? O episódio, que refletiu a mentalidade instaurada pelo momento político não chegou a repercutir negativamente para a instituição.

permite posicionar-se à frente em projetos de aceleração de aprendizagem, em programas como o de apoio às inovações escolares e o de capacitação de professores. Possibilita-nos, também, a análise de sua importância para a rua onde está instalada, para a comunidade que atende e, ainda, o papel exercido por ela na história da educação da cidade.

Fonte:

- Arquivos FCCB/SPH
- Arquivo do Correio de Araxá
- Arquivo da Escola Estadual Dr. Eduardo Montandon
- Documentos, Maria Josephina Salomão, Elza Carneiro de Paiva, Inês Santos, Iracema Aguiar, Maria Rita de Aguiar, Domingos Santos.